

O CORPO NA DANÇA: UMA REFLEXÃO A PARTIR DOS OHARES DA INDÚSTRIA CULTURAL

Marília Nepomuceno Silva
UEG-ESEFFEGO-Goiânia-Goiás
Comunicação oral
Cultura e processos educacionais

Este trabalho é resultado de pesquisa realizada, em 2007, durante a conclusão do curso de especialização em Metodologia do Ensino Fundamental pelo Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação da UFG. O objetivo era perceber como as aluna/os com deficiência, matriculados na escola regular, percebiam a sua própria capacidade de aprendizagem. A inclusão escolar é uma realidade posta às escolas brasileiras pela legislação, por acordos internacionais e defendida teoricamente como uma possibilidade de superação dos preconceitos, da segregação das pessoas com deficiência, do cumprimento da função social da escola. A metodologia incluiu revisão bibliográfica e pesquisa de campo em uma escola municipal em Goiânia, através de questionário aplicado às aluna/os com deficiência no ciclo II. A análise demonstrou que a organização das turmas atendia ao preceito da heterogeneidade, não havia sala exclusiva para a/os aluna/os com deficiência; que a avaliação dessa/es em relação à escola, à turma, a/os colegas, às aulas de reforço, a/os professora/es é bastante positiva. Entretanto, foi surpreendente a avaliação, de 92% da amostra, de que a sua capacidade de aprender é boa ou ótima, inversamente, a 83% que declarou perceber que sua capacidade de compreensão das aulas é diferente ou inferior a dos demais colegas de classe. Os dados fomentam o debate tendo a/os aluna/os com deficiência como sujeitos e interlocutora/es legítimos nesse processo.

Palavras-Chaves: Corpo; Dança e Indústria Cultural.

Este trabalho tem como objetivo compreender como a indústria cultural influencia os movimentos corporais dançantes das pessoas que frequentam espaços informais de danças de Goiânia, sendo esses espaços compreendidos como os locais onde as pessoas se reúnem para dançar e desenvolver outras atividades de lazer.

Ao observar esses espaços, percebem-se como as danças de algumas pessoas são parecidas e até mesmo iguais ao que constantemente vemos através das grandes mídias, como por exemplo, a televisão. E o mais curioso ainda de se notar é que para essas pessoas essas danças parece ser a única razão de ser, não havendo nenhuma possibilidade de busca pelo diferente.

A partir disso questiona-se: Como a indústria cultural influencia o corpo dos indivíduos que dançam nos espaços informais de Goiânia?

Com o intuito de se alcançar o objetivo de responder o problema deste trabalho, realizou-se uma pesquisa em cinco espaços informais de danças, distribuídos por diversos setores de Goiânia. Ao adentrar nos locais procurou-se observar e entrevistar pessoas que apresentaram destaque em relação ao grupo como um todo ao dançar, bem como aqueles que tivessem disponibilidade para conversar e responder o questionário.

A metodologia utilizada neste trabalho é uma pesquisa de caráter qualitativo, com questionário semi-estruturados seguidos de observações com 32 sujeitos nas casas de danças na cidade de Goiânia-Goiás.

De acordo com Trivinos, (1987, p.146) a pesquisa qualitativa semi-estruturada “valoriza a presença do investigador e oferece todas as perspectivas possíveis para que o

informante alcance a liberdade e espontaneidade necessária enriquecendo dessa forma sua investigação”.

No dizer de Trivinos (1987, p.118) "(...) toda pesquisa pode ser ao mesmo tempo quantitativa e qualitativa", no entanto o que as diferencia é que esta não fica exclusivamente em dados estatísticos avançando em sua investigação. Esse será nosso principal objetivo a seguir.

Dança: A arte do corpo sobre influência da Indústria Cultural

O corpo humano, este território vasto e repleto de características tanto biológicas quanto sociais e culturais talvez seja o local onde a vida se manifesta de maneira mais sublime, visto que é marcado por peculiaridades como, por exemplo, a capacidade de realizar trabalho, pensar e exteriorizar seus pensamentos através de linguagens, gestos e emoções influenciando dessa forma sua maneira de agir na sociedade.

Sant’anna (2001, p.7) vai dizer que, "(...) o corpo de um indivíduo pode revelar diversos traços de sua subjetividade e ao mesmo tempo escondê-lo”. Já Baptista (2008, p.40) o compreende como “expressão material e espiritual do ser humano.” Diante disso uma coisa é certa, estamos em nosso corpo, ou melhor, somos o nosso corpo e para melhor compreender seus vários sentidos são necessários olhares diferenciados.

Ademais corpo e a arte se relacionam. A arte se manifesta por meio do corpo, pois ela é sempre uma expressão do corpo. Sua matéria seu ponto de partida e de chegada é sempre o corpo, mesmo que às vezes apareça de uma maneira oculta, expressa em tintas, palavras ou acordes musicais (SOARES, 2005).

A história do corpo em muitos aspectos se relaciona com o contexto histórico da dança. Na idade média houve uma forte tentativa por parte da igreja católica de controlar as expressões artísticas e corporais da época como bem destaca Medeiros, (1998). A dança sendo uma arte que se manifesta por meio do corpo também sofreu suas conseqüências. Ela foi fortemente combatida pela a igreja católica, pois acreditava-se que continha conteúdos pagãos (PORTINARI,1989).

Mesmo sofrendo toda essa repressão à dança sobrevivi, sendo apresentada em feiras, praças e nos pequenos vilarejos. Aos poucos essa arte passou a ser imitada pelos nobres como forma de diversão, posteriormente foi adaptada e transformada em dança da corte. No decorrer da história, mas especificamente em meados do século XV uma nova forma de organização foi dada à dança. A ela foi atribuída características de disciplina sendo suas dimensões reduzidas no tempo e no espaço para caberem em salões. O corpo então passou a ser território de adestramento e controle (MENDES, 1985).

Na atualidade é nítido percebermos a destruição que vem ocorrendo em nossos corpos, já que devido aos interesses do modo de produção atual ele vem sendo tratado como mais uma mercadoria a ser consumida como bem demonstra Baptista (2007). Nesse sentido a busca pelo consumo exacerbado que é o real interesse do modo de produção capitalista acaba desencadeando nas pessoas uma busca ideológica pela satisfação pessoal. Essa constante busca pela satisfação pessoal se manifesta no padrão estético de corpo que é difundido pela indústria cultural.

A indústria cultural é o termo que foi utilizado por Adorno; Horkheimer (1985), filósofos da escola de Frankfurt¹, com a finalidade de distinguir as culturas que surgem espontaneamente das massas, com aquelas que são constantemente usadas pelos veículos de comunicações sobre o domínio da classe dominante. O interesse prioritário

¹Entende-se por escola de Frankfurt, o conjunto de autores que trabalhavam com a “teoria crítica” no instituto de pesquisa social da Alemanha.

desta indústria é produzir bens culturais com objetivo único de gerar lucro. Baptista (2001) apresenta uma definição para indústria cultural da seguinte maneira:

A “Indústria Cultural” pode ser entendida como um instrumento de pressão da sociedade sobre o indivíduo através da utilização de elementos culturais que se tornam acessíveis pelo cinema, pela televisão e por outros meios de comunicação de massa. Esses são utilizados como forma de cooptarem os indivíduos para a atuação de acordo com os interesses e as necessidades do modo de produção, fazendo a lógica industrial prevalecer não apenas nos momentos de trabalho, como também nas horas de repouso de cada pessoa (BAPTISTA, 2001, p. 74).

Percebe-se que, a indústria cultural com todo seu aparato tecnológico tem um forte poder de persuasão sobre a sociedade hodierna. Ela vem se mostrando bastante eficaz na tentativa de influenciar os indivíduos a partir de seus interesses utilizando para isso de estratégias de convencimentos. As estratégias utilizadas pela indústria cultural são tão convincentes que a maioria das pessoas não percebe a pressão que esta exerce sobre cada indivíduo. Além do mais é fato que a maioria dos indivíduos não identifica que grande parte de suas idéias são muito semelhantes com as que frequentemente são mostradas pelas grandes mídias (BAPTISTA 2007).

Essa semelhança é fruto da padronização de mercadorias que a sociedade capitalista tanto incentiva e impõe, visando somente se fortalecer. Dessa forma as pessoas acabam convencidas que o melhor é ser parecido com o que é exposto pela mídia. Esse padrão de semelhança irá se refletir em diversos meios da sociedade, inclusive no corpo que dança.

Na atualidade com os constantes bombardeios de informações expostos pela indústria cultural transformações vem ocorrendo na arte da dança. Hoje ela também vem sendo tratada como mais uma mercadoria. Vemos que constantemente são produzidas e transmitidas pelas grandes mídias um modelo de dança que banaliza os corpos com seus movimentos estereotipados e com fortes apelos sexuais. Perde-se na falta de imaginação, espontaneidade e expressão e se ganha com ibopes altos para emissoras que transmitem narcoticamente essas danças para sociedade. Assim:

(...) Podemos dizer que as danças difundidas pelos meios de comunicação em massa (revista, cinema, videoclipes, etc...), principalmente pela televisão, através de grupos de Axé, Pagode, Funk, Laceraias e as coreografias dos programas televisuais, a exemplo dos apresentados domingo à tarde, são reentrantes. É interessante percebermos que tais danças têm um apelo, predominantemente erótico e sexual. É mais instigante ainda notar a adesão em massa da população por meio da aceitação e legitimação de tal padrão de comportamento. Vemos, dessa forma, as pessoas dançarem ao som de uma música caótica, repetitiva e sem mensagem alguma e que nos torna cada vez mais “brutos” (SANTOS, 2008, p. 39).

A indústria cultural prima pela diversão, seu controle sobre as massas é mediado pelo entretenimento mesmo que para isso tenha que divulgar imagens caóticas sem nenhum valor educacional. O público acaba por aceitar tudo sem refletir criticamente e desse modo não param para pensar que "diversão não quer dizer tolice, tal como arte séria não quer dizer chatice" (FISCHER, 2002, p.239).

De acordo com Adorno; Horkheimer (1985) todo o mundo é escrupulosamente forçado a passar pelo filtro da indústria da cultura, sendo seus produtos consumidos até mesmo pelas pessoas mais distraídas. Entretanto o que diferencia os escrupulosamente influenciados dos que são forçados a passar pelo filtro da indústria cultural é a

consciência crítica e a capacidade de desmascarar ideologias que este último exerce sobre os fatos a sua volta.

Outra característica interessante percebido pelos filósofos frankfurtianos sobre as influências dos bens produzidos pela indústria cultural é em relação ao esquematismo que ela propõe, ou seja, para os consumidores não há coisa nenhuma a rotular que não tenha sido antecipado no esquematismo da produção (ADORNO, HORKHEIMER, 1985).

O instigante de se notar nas danças propostas pela mídia é que ela muito se assemelha ao esquematismo proposto por Adorno, Horkheimer (1985). Além de percebermos uma certa padronização no jeito das pessoas dançarem, também pode-se notar semelhanças nos corpos, roupas, na cor e estilo dos cabelos etc.

Todo esse esquematismo, na visão dos autores acaba por não permitir que as pessoas reflitam criticamente. Assim quanto mais expostos os corpos dos dançarinos, quanto mais eróticos os movimentos, quanto mais parecidos com seus ídolos forem mais divertido será (BERGERO, 2006).

Infelizmente temos que nos atentar para o fato de que, o papel que a indústria cultural exerce sobre a grande maioria dos indivíduos acaba por ser mostrar muito eficaz, pois os corpos e até mesmo os movimentos das pessoas ao dançarem se assemelham muito uns com os outros. Parece estar havendo uma padronização nesses corpos/movimentos e, as pessoas reprodutoras desse processo parece não dar nenhuma importância a isso se expondo e reproduzindo cada vez mais.

Em relação às danças expostas pelas grandes mídias, e que são reproduzidas por um grande número de pessoas, pode-se observar que é quase impossível ver indivíduos que coloquem sua personalidade e sua identidade em suas danças, pois eles apenas as consomem não participa do processo de criação. Tudo isso faz com que as diferenças individuais sejam apagadas para dar lugar à homogeneização. Assim:

O papel das mídias na formação das idéias e do ideal de corpo em nossa sociedade também nos impossibilita pensar o corpo/movimento como algo totalmente “natural”. Hoje ele é também formado pelos meios de comunicação que apagam as diferenças individuais e culturais, circunscrevendo nossas escolhas a partir de modelos fortemente enraizados por imagens ideais de gênero, raça, classe social, cultura que incorporam acriticamente a normalização e a homogeneização do corpo (BORDO *apud* MARQUES, 2001, p. 87).

O grande número de informações que é exposto pela indústria cultural faz com que o público se identifique com tudo que é exposto de uma maneira superficial e acrítica, isso nos leva a concordar com Baptista (2007) quando destaca que “(...) quanto mais prontas vêm às novidades, mais fácil se torna sua assimilação individual” (BAPTISTA, 2007, p. 113).

Além de invadir a casa, o trabalho e até mesmo os momentos de lazer de grande parte da sociedade, a indústria cultural não se satisfaz. Na contemporaneidade vem invadindo até mesmo o corpo e os movimentos dos indivíduos. Com suas coreografias prontas mostra para as pessoas um modelo de dança que é tido como a melhor. Em consequência as pessoas acabam convencidas que esses movimentos são os únicos a serem feitos e geralmente quem foge a essa normatização acaba se sentindo ridículo, pois o normal para esse público é ser semelhante. Assim:

Algumas modalidades de danças principalmente as aceitas em festas, boates, danceterias, são marcadas pela pseudo-individação, por projetar nos sujeitos dançantes algo que lhes confere certo grau de liberdade quanto ao

movimento, o desejo de dançar por conta própria. Entretanto esse grau de liberdade é prescrito pela estandardização, no sentido de que os movimentos já se tornaram normatizados ou padronizados, a ponto de serem identificados em todos os dançantes, mesmo que dance separados um do outro e não queiram dançar juntos. É restrita a possibilidade de se sair da estereotipia de movimento, sendo severamente delimitada qualquer espécie de movimento espontâneo, não prescrito pelo ritmo da música, pelo ambiente ou mesmo pelos sujeitos envolvidos. O sujeito dançante se submete à estandardização para sentir, em primeiro lugar que está pisando em solo firme, que não está dando vexame (MARTINS CARNEIRO *apud* BERGERO, 2006, p. 63).

Toda essa estandardização que vem ocorrendo nos corpos dos indivíduos que reproduzem massivamente essas danças é possibilitada pela indústria cultural. Sabemos que existem canais de televisão e mais recentemente vídeos na internet que se presta a mostrar constantemente vídeos clips musicais. Esses vídeos divulgam para a sociedade um modelo de dança que é facilmente aceito e copiado por inúmeras pessoas.

Os indivíduos que copiam essas danças procuram reproduzir fielmente os passos predeterminados, restando dessa forma pouco ou nenhum espaço para a criatividade ao dançar. Um dos jovens entrevistados nas casas de danças manifestou-se: *“eu não crio nada (...) eu não tenho cabeça para criar nada (...) é muito mais fácil copiar”*.

Tudo essa padronização que a indústria cultural tanto incentiva acaba por atrofiar a capacidade reflexiva do indivíduo. Além disso, como tudo é dado facilmente a ele, não há a necessidade de pensar, ou seja, ninguém precisa responsabilizar oficialmente acerca do que pensa. (ADORNO; HORKHEIMER, 1985). Dessa forma cabe pensar, com tanta reprodução do que já está pronto, onde vai parar a subjetividade das pessoas consumidoras desse processo?

Uma coisa é certa a televisão e até mesmo outros meios de comunicação vem causando nas pessoas uma constante dificuldade de exercerem seus pensamentos próprios. Suas subjetividades são facilmente apagadas e quem tenta controlar a maneira de pensar dos indivíduos é a televisão com seus conteúdos ideológicos.

Na visão de Adorno (1995) a televisão exerce uma função deformativa perante a sociedade, pois propaga ideologias conduzindo de uma forma equivocada a consciência das pessoas, que passam uma enorme quantidade de tempo ouvindo e vendo suas programações. De acordo com o autor a televisão desvia as pessoas de seus objetivos por meio da fartura de ofertas que propaga.

Adorno (1995) destaca que as pessoas passam muito tempo vendo e ouvindo televisão e isso acaba por gerar uma espécie de vício televisivo e que por fim consegue desviar as pessoas daquilo que deveria ser seu objetivo. Isso que dizer que as pessoas ficam tão contaminadas pelo que vê na televisão que acabam por não cumprir com seus deveres imediatos e, além disso, acredita mais no conteúdo que ela expõe do que nas palavras de muitos mestres e doutores.

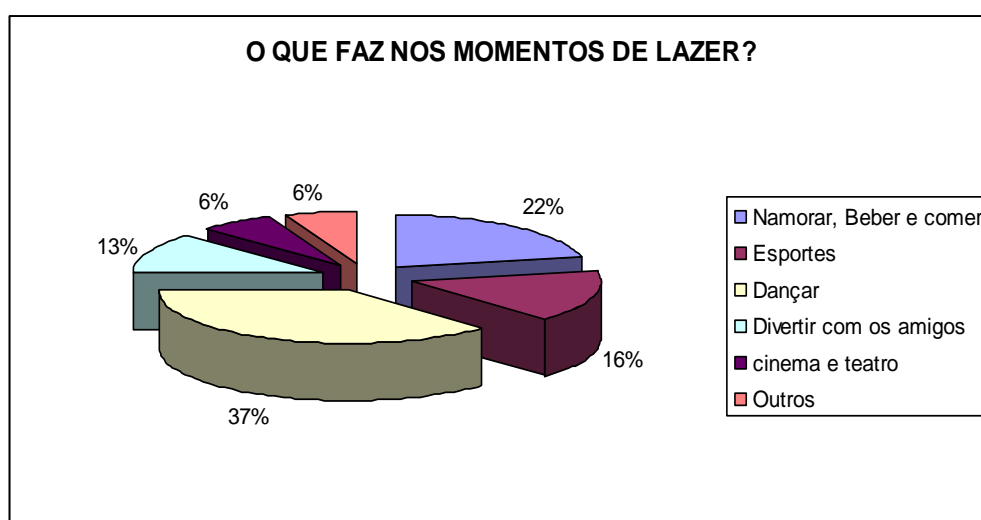
Na expectativa de melhor compreender como se dá a influencia da indústria cultural nos corpos/movimentos dançantes dos frequentadores dos espaços informais de danças de Goiânia foi realizada uma pesquisa em diversos locais da cidade, onde as pessoas reúnem para dançar e desenvolver diversas atividades de lazer. Os dados serão mostrados a seguir.

Discutindo a pesquisa nos espaços informais de danças de Goiânia

Foram entrevistados 32 sujeitos em cinco espaços informais de danças distribuídos por diversos setores de Goiânia. Ao adentrar nos locais procurou-se

observar e entrevistar sujeitos que apresentaram destaque em relação ao grupo como um todo ao dançar. Também foi levado em consideração o interesse e disponibilidade das pessoas em participar da entrevista.

Foi questionado aos indivíduos o que eles costumam fazer em seus momentos de lazer. Dos indivíduos entrevistados, 37% afirmaram que, em seus momentos de lazer gostam de dançar, 22% preferem sair para comer, beber e namorar, outros 16% gostam de praticar esportes em seus momentos de lazer, já 13% preferem se divertir com os amigos, 3% vão ao cinema e teatro e 3% desenvolvem outras atividades.



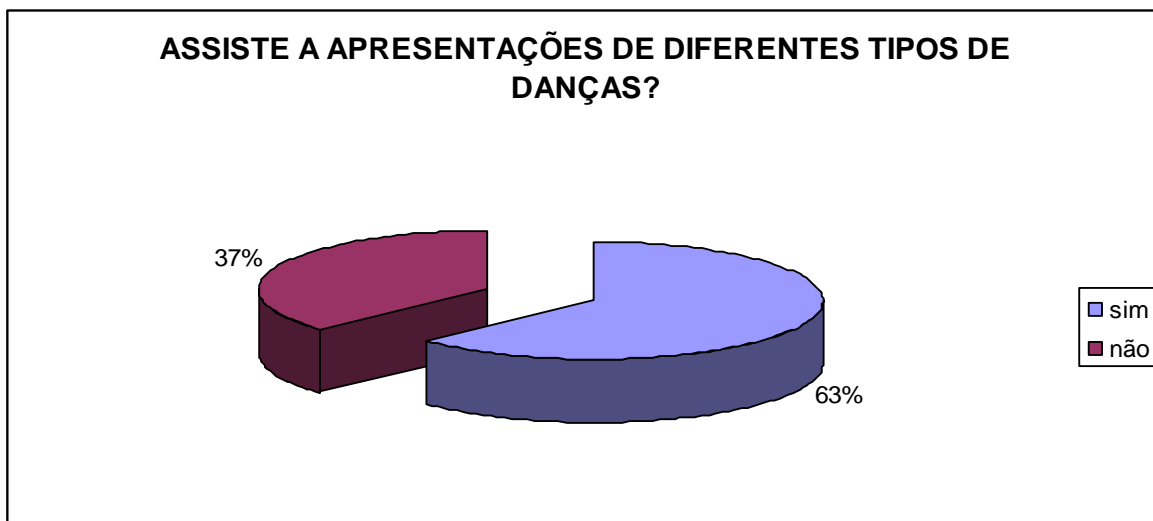
Observando este gráfico e verificando que um número significativo de pessoas entrevistadas na pesquisa se interessa impreterivelmente em namorar, comer e beber, é impossível não lembrar Marx (2003) quando destaca que:

Assim chega-se a conclusão de que o homem só se sente livremente ativo em suas funções animais- comer, beber e procriar, quando muito, na habitação e no adorno, etc. Enquanto nas funções humanas se vê reduzido a animal. O elemento animal torna-se humano e o humano animal (MARX, 2003, p. 114).

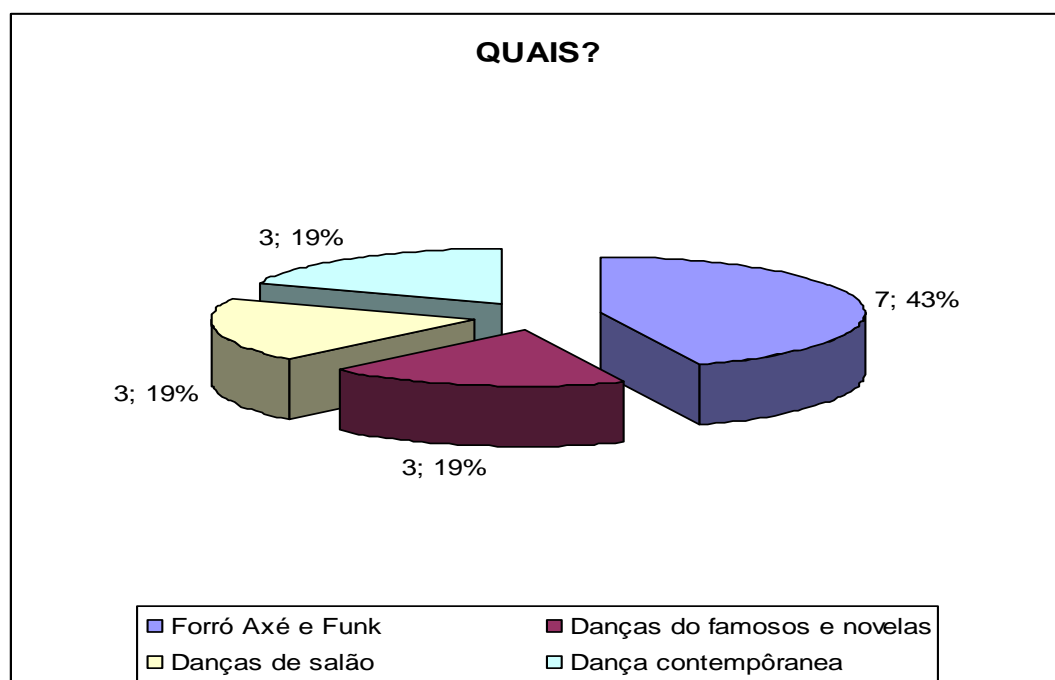
Isso quer dizer que, em uma sociedade onde se prima pela competitividade e interesses individuais, onde muitas pessoas são excluídas não tendo oportunidades de poder escolher fazer o que gosta em outras palavras, são presas pelo modo de produção atual, temos que concordar com Marx (2003) que o ser humano só vai se sentir livre e se divertir em suas funções animais.

Em relação à dança nota-se que 37% dos indivíduos entrevistados afirmaram gostar de dançar em seus momentos de lazer. Apesar de grande parte dos entrevistados na pesquisa afirmarem que gostam de dançar em seus momentos de lazer, a maioria pouco se preocupa em compreender o que estão dançando. Isso nos remete a Adorno; Horkheimer (1985) quando destacam que na lógica da indústria cultural, o esforço intelectual é intensamente evitado. Assim fica mais fácil disseminar para a sociedade o que deve ser consumido e gerar lucros.

Foi perguntado também aos sujeitos que freqüentam os espaços informais de danças de Goiânia se eles costumam assistir a apresentações de diferentes tipos de danças. 63% dos entrevistados disseram que sim, e outros 37% já afirmaram que não.



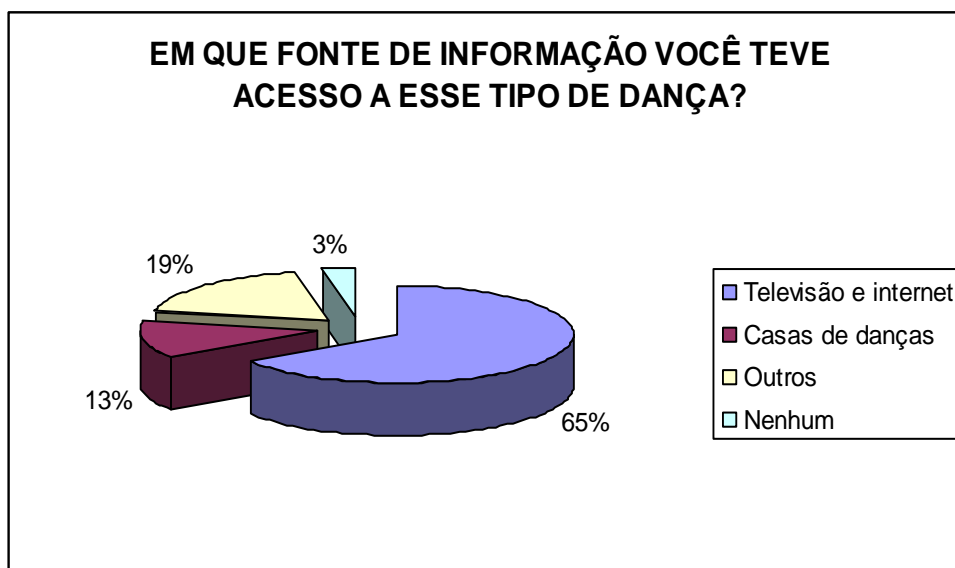
No entanto quando questionados as 63% das pessoas que responderam assistir a diferentes tipos de danças, quais são as apresentações que costumam a assistir. 7,43% disseram ser forró, axé e funk, 3, 19% afirmaram assistir danças dos famosos e novelas, outros 3, 19% disseram assistir danças de salão, e novamente mais 3,19% disseram assistir espetáculos de dança contemporânea.



Diante dessas respostas, pode-se perceber o que esse público entende por diferente. Tudo o que está cotidianamente sendo mostrado pelas mídias. Isso nos remete mais uma vez a Adorno; Horkheimer (1985, p. 136) quando destacam que a “*semelhança perfeita é a diferença absoluta*”. A indústria cultural parece estar conseguindo moldar as pessoas e até desacostumá-las de expressar suas subjetividades.

Com o intuito de melhor compreender se há influência dos meios de comunicações de massas no jeito das pessoas dançarem, foi questionado aos entrevistados nos espaços informais de danças sobre qual a fonte de informação na qual eles tiveram acesso as danças que ali dançavam. Dos sujeitos entrevistados 65%

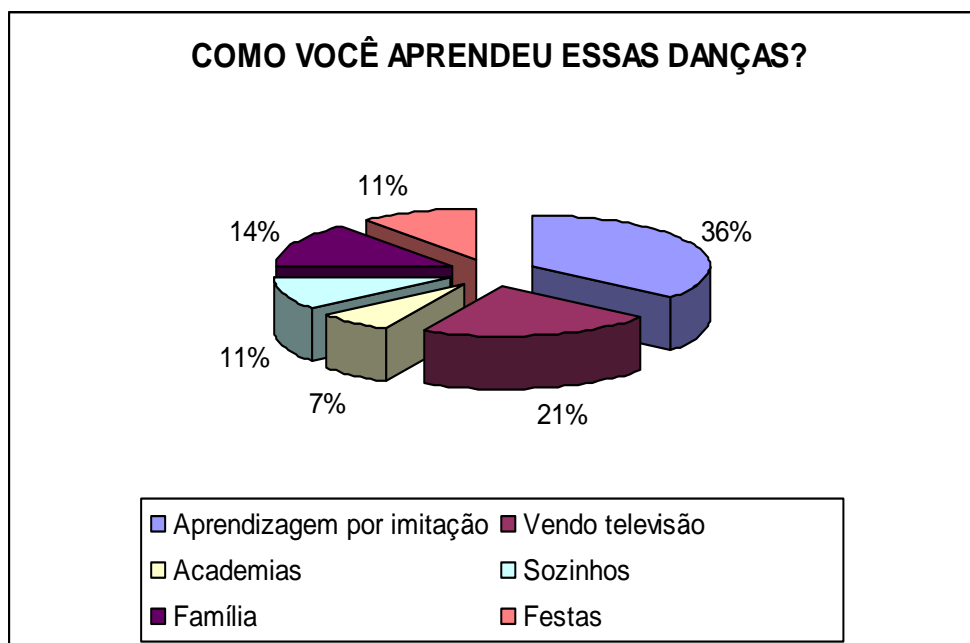
disseram ser a televisão a principal fonte de informação, 13% afirmaram ser as casas de danças, 19% se enquadraram enquanto outros e 3% dos entrevistados disseram que não tiveram acesso nenhum veículo de informação sobre as danças que eles dançavam. Os dados estão expressos a seguir:



A partir disso, nota-se como a televisão e a internet é um meio de informações importantes e eficazes na atualidade. Ademais por meios dessas respostas fica mais fácil entender por que essas pessoas dançam essencialmente semelhantes com os modelos expostos por essas mídias.

Na expectativa de compreender como se dá a influência da indústria cultural nos corpos/movimento dos frequentadores de espaços informais de danças de Goiânia foi perguntando aos indivíduos como eles aprenderam suas danças.

De 32 pessoas entrevistadas, 36% disseram que aprenderam a dançar por imitação, 21% disseram ter aprendido olhando a televisão, 11% afirmaram terem aprendido a dançar sozinhos, 14% com a família, outros 11% em festas, e por último, 7% em academias.



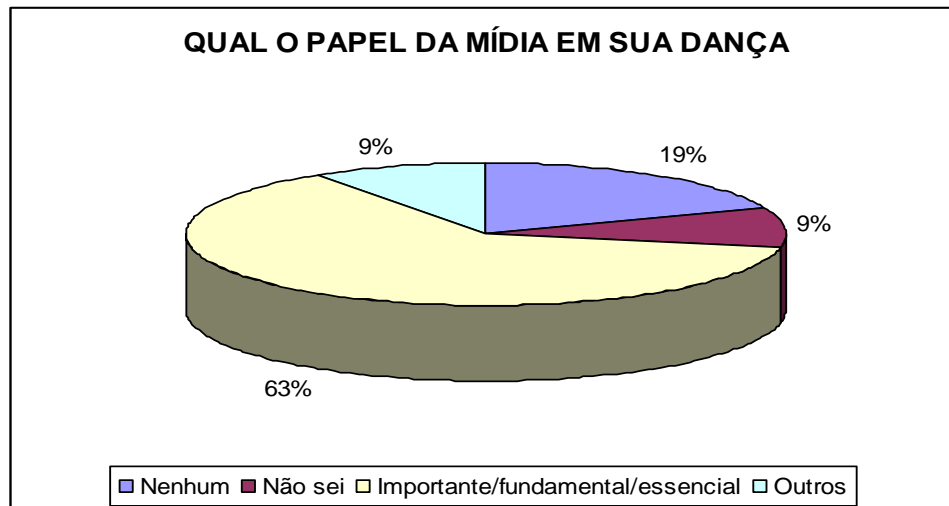
A partir dos resultados obtidos percebe-se que um número significativo das pessoas que freqüentam esses espaços 21% aprenderam a dançar olhando a televisão. Mais uma vez evidencia-se a eficácia que a indústria cultural exerce na sociedade. Os públicos consumidores copiam essas danças e reproduzem em diversos lugares sem levar em consideração a suas subjetividades.

Outro fato curioso apontado por Bergero (2006) é que a mídia além de mercadorizar essas danças e por que não dizer o movimento corporal humano, mexe com a estrutura das danças quando são difundidas por meios de vídeos “clips”. Para a autora:

(...) outra interpretação poderia ser feita a respeito da estrutura e da forma das danças difundidas por meio de vídeos clips, nos quais todos dançam de frente, ao mesmo tempo e praticamente sem deslocamentos, fato que se explica com a razão da necessidade de entrar no visor da câmara, é dizer que a estrutura da dança é elaborada para ser televisionada (BERGERO, 2006, p. 64).

Ou seja, a televisão determina até mesmo à maneira das pessoas se movimentarem. De fato a indústria cultural tem feito um trabalho negativo perante a sociedade. Podemos perceber que uma grande parcela dos indivíduos perdeu seus gostos e capacidades de escolher. Hoje as idéias midiáticas é que vem se destacando perante a sociedade e causando uma trágica padronização.

Uma das perguntas feita aos entrevistados na pesquisa foi em relação ao papel da mídia em suas danças. Das pessoas entrevistadas 63% relataram que a mídia exerce um papel importante, fundamental e essencial em suas danças, 19% afirmaram que a mídia não exerce nenhuma influência em sua dança, 9% não souberam dizer, e os últimos 9% se enquadraram em outros.



Dessa forma, percebe-se como a mídia tem um poder dominador perante essas pessoas. Em seus relatos, muitos afirmaram ser a mídia fundamental em suas dança. Uma jovem entrevistada denominada M5 assim relatou: “a mídia é tudo, eles que revela”, já outra na qual denominarei de M6 disse: “copio os passos para não errar.” Para Adorno; Horkheimer (1985) é uma das funções da indústria cultural colocar a reprodução com algo absoluto.

Enfim, como podemos perceber a indústria cultural parece estar cumprindo sua função com eficácia perante esses sujeitos entrevistados. Tudo o que se vê são indivíduos reprodutores sem um mínimo de vontade de buscar pelo diferente.

A vida de muitas pessoas parece estar contida em superficialidade, onde a lógica é estar de acordo com tudo o que é proposto pela indústria cultural. É fato que não dá para desconsiderar Adorno; Horkheimer (1985) quando comenta que estamos vivendo um período de caos em nossa cultura, já que a esta atribui a tudo um ar de semelhança.

Com o intuito de melhor entender sobre como a questão da criatividade vem sendo pensada na atualidade, foi perguntado aos entrevistados sobre o que é melhor para eles, criar suas danças ou copiar as que já estão prontas. Dos sujeitos entrevistados 61% disseram preferir criar suas danças, 22% disseram copiar e 17% já afirmaram gostar de criar e copiar. Os resultados são expressos no gráfico a seguir.



Como podemos perceber a maioria das pessoas afirmaram preferir criar suas danças, todavia, ao observar essas pessoas dançando nos seus momentos de lazer não é perceptível visualizar movimentos originais e sim uma mistura de tudo o que vimos constantemente através dos meios de comunicação de massas. Isso nos remete a Aranha (1996) quando destaca que:

Na sociedade marcada pelo imperialismo do trabalho e da razão instrumental tem sido difícil para o trabalhador ocupar seu tempo de forma criativa, já que se encontra achatado na unidimensionalidade, sem a invenção, a imaginação e a fantasia. Com frequência o tempo livre é usado para liberar fadigas, reproduzir práticas da moda e sucumbir o tédio (ARANHA, 1996, p. 239).

Observando essas pessoas percebe-se também que elas não estão nem um pouco interessadas em serem criativas ao dançar, para elas ali é o momento de diversão e para essas pessoas diversão e criação não podem caminhar juntas por que criação exige esforço intelectual. E como bem destaca Aranha (1996) seus momentos de lazer são para sucumbir o tédio a que são submetidos em seus momentos de trabalho.

A seguir será mostrado na íntegra a fala de um sujeito entrevistado nos espaços informais de danças quando questionados sobre se cria ou copia suas danças. Eis a resposta:

“Copiar é melhor, por que eu gosto de fazer o que os outros estão fazendo. Criar exige responsabilidade” (H6)

Percebe-se a partir desta fala que este sujeito não tem interesse pelo ato criativo. Tudo isso nos leva a perceber o porquê se instaura facilmente a padronização em nossa sociedade. O diferente é discriminado na contemporaneidade por isso copiar se torna mais fácil.

Já que o foco deste trabalho é sobre a dança, é pertinente enfatizar que esta seja trabalhada na escola no sentido que possa possibilitar aos alunos um novo olhar sobre a mesma fugindo um pouco dos modelos padronizados propostos pela indústria cultural.

Hoje, mas do que nunca o ato criativo é imprescindível para a humanidade, pois em meio a tanta padronização é somente buscando pelo inédito que o indivíduo se tornará singular. Nesse sentido pode-se dizer que é nos momentos de criação que se enxerga o que há de genuinamente humano nas pessoas. É por meio do ato criativo que o indivíduo poderá se afastar desse mundo padronizado e agir na tentativa de propor mudanças. TAFFAREL, (1995)

Considerações Finais

Podemos dizer que, a indústria cultural influencia o corpo dos indivíduos frequentadores dos espaços informais de danças em Goiânia, através da constante reprodução de modelos de corpos e movimentos dançantes exposto principalmente pela televisão e internet. Esses modelos são facilmente identificados por esses sujeitos que as consomem e reproduzem de uma maneira superficial e acrítica, achando serem esses modelos à única razão de ser.

Essa fácil identificação e consumo por esse tipo de dança se dá por que essas pessoas não conhecem, não são incentivadas, e nem tentam buscar pelo diferente. Essa não busca pelo diferente acaba deixando essas pessoas a mercê dos mecanismos persuasivos proposto pela indústria cultural. E o que é pior, a Indústria Cultural vem se mostrando bastante eficaz em umas das suas mais importantes funções, desacostumarem muitos indivíduos de expressarem suas subjetividades.

Todo esse caos pelo qual a sociedade está se direcionando talvez se reverta quando percebermos que precisamos visualizar a cultura e a arte enquanto um elemento diferenciador, e isso somente acontecerá por meio da educação comprometida em formar consciências críticas, ADORNO, (1995).

Entendemos que, para que uma sociedade se modifique é necessário que as pessoas fujam desse senso comum, e não aceitem as ideologias desencadeadas por esses veículos de comunicação de maneira tão fácil, não somente em relação às artes, como também em relação à política e a educação.

Não é nosso objetivo com esse estudo privar as pessoas de dançarem as danças disseminadas pelos meios de comunicações de massas, mas sim, que pelo menos as pessoas quando forem as consumirem saibam o que está por trás de toda essa mercadorização e tenham plena consciência crítica do que está consumindo.

Referência Bibliográfica

- ADORNO, T. W. Educação e Emancipação. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.
- ADORNO, T. W.; HORKHEIMER, Max. *Dialética do esclarecimento*: fragmentos filosóficos. Rio de Janeiro, Ed. Jorge Zahar, 1985.
- ARANHA, Maria Lúcia Arruda de. *História da educação*. 2 ed. São Paulo: Moderna, 1996.
- BAPTISTA, Tadeu João Ribeiro. *Educação do Corpo*: Produção e Reprodução. (Tese de doutorado) UFG, Goiânia: 2007.
- _____; *Procurando o Lado Escuro da Lua*: implicações sociais da prática de atividades corporais realizadas por adultos em academias de ginástica de Goiânia: (Dissertação de Mestrado) UFG, Goiânia: 2001.
- BERGERO, Verônica Alejandra. *Indústria Cultural e Dança*. Superando Cisões e Reinventando Humanidades na Educação Física. (Dissertação de Mestrado) UFSC, Florianópolis: 2006.
- MARQUES, Isabel. Ensino da dança hoje: textos e contextos. São Paulo: Cortez, 2001.
- MARX, Karl. *Manuscrito Econômico Filosófico*. São Paulo: Editora Martin Claret, 2003.
- MEDEIROS, Mara. *Didática e prática de ensino da educação física*: para além de uma abordagem formal. Goiânia: GEGRAF-UFG, 1998.
- MENDES, Miriam Garcia. *A dança*. São Paulo: Ática, 1985
- PORTINARI, Mariel. *História da dança*: Ed. Nova fronteira, Rio de Janeiro, 1989.
- SANT'ANNA, Bernuzzi Denise de (org.) É possível realizar uma história do corpo? In: CARMEM, Soares. *Corpo e História*. Campinas, SP. Autores associados, 2006. pp. 3-23.
- SANTOS, Cristiane Gomes dos. *Dança arte e educação*: Os discursos teóricos produzidos para a escola. Universidade Católica de Goiás, (Dissertação de Mestrado) Goiânia: 2008.
- SOARES, Carmem; Madureira, Rafael. *Educação Física, linguagem e arte*: possibilidades de um diálogo poético do corpo. Movimento, Porto Alegre, v11 p.75-88.2005
- TAFFAREL, Celi Nelza Zulke. *Criatividade nas aulas de educação física*. Rio de Janeiro: 1985.
- TRIVINOS, Augusto N.S. *Introdução à pesquisa em Ciências Sociais*: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987